

A man with dark hair, a mustache, and glasses is seated, playing a violin. He is wearing a bright blue jacket over a black shirt and dark trousers. The background is a blurred indoor setting with blue and grey tones.

CCB

12 DEZ 25

CICLO SEXTA MAIOR

A DINASTIA BACH
ORQUESTRA DE CÂMARA
PORTUGUESA E JULIEN CHAUVIN

ARTES
PERFORMATIVAS

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém
Pequeno Auditório
sexta-feira, 20h00
+6
Duração aproximada: 75 min

Antonio Vivaldi (1678–1741) *Sinfonia em Sol menor, RV 156*

Allegro — Adagio — Allegro

Johann Christoph Friedrich Bach (1732–1795) *Sinfonia em Ré menor, HW 1/3*

Allegro — Andante amoroso — Allegro assai

Carl Philipp Emanuel Bach (1714–1788) *Sinfonia em Dó Maior, Wq 182/3*

Allegro assai — Adagio — Allegretto

Johann Sebastian Bach (1685–1750) *Concerto para dois violinos em Ré menor, BWV 1043*

Vivace — Largo, ma non tanto — Allegro

Georg Philipp Telemann (1681–1767) *Burlesque de Quichotte em Sol Maior, TWV 55:G10*

Overture

Le réveil de Quichotte (O despertar de Don Quixote)

Son attaque des moulins à vent (O seu ataque aos moinhos de vento)

Ses soupirs amoureux après la Princesse Dulcinée (Os seus suspiros amorosos pela princesa Dulcineia)

Sanche Panse berné (Sancho Pansa ridicularizado)

Le galope de Rosinante (O galope de Rocinante)

Celui d'âne de Sanche ([O galope] do asno de Sancho)

Le couché de Quichotte (O deitar de Don Quixote)

Violino e Direção Musical **Julien Chauvin**

Violino **Maria Reis Sá**

Orquestra de Câmara Portuguesa

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM E MULTIMÉDIA



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A SUSTENTABILIDADE



Foto de capa: Julien Chauvin © Marco Borggreve

O **Concerto em Sol menor, RV 156** é uma obra algo atípica de Vivaldi, pertencendo a um género conhecido como «concerto di ripieno», em que os instrumentos «concertam» (dialogam, concordam) entre si, mas não sem possuir solistas. Preservada num manuscrito autógrafo da coleção Giordano da Biblioteca Universitária de Turim, é uma peça concisa e algo austera. No primeiro andamento as duas partes dos violinos conversam, imitando-se entre si, sobre um simples acompanhamento. No segundo andamento, é nítida a influência de Corelli no efeito muito eloquente das três vozes superiores que, em notas longas e provocando luxuriosas dissonâncias, pairam sobre o baixo. Finalmente, o andamento conclusivo combina um dançante tempo ternário com polifonia imitativa.

Johann Christoph Friedrich foi filho e aluno de Johann Sebastian Bach. A partir dos 18 anos e até à sua morte, serviu a corte dos condes de Schaumburg-Lippe em Bückeburg. Deixou uma vasta obra em que se destacam, pela qualidade e pela quantidade, a música para teclado (de que foi um grande virtuoso) e a de câmara. Dada a predileção da corte pela música italiana, mas sobretudo devido às novas correntes estéticas, o seu estilo assumiu características mais ligeiras, bem distintas quer da predileção pelo contraponto – típica do seu pai –, quer da intensidade emotiva característica do seu meio-irmão, Carl Philipp. É com o estilo elegante e refinado do seu irmão mais novo, Johann Christian – que Christoph Friedrich visitara em Inglaterra em 1778, publicando aí algumas peças – que a sua obra encontra maior afinidade. Infelizmente muitas das suas obras perderam-se durante a Segunda Guerra Mundial. Conhece-se a existência de vinte sinfonias, modeladas a partir do estilo das aberturas de ópera italianas do início de 1700, mas que pertencem já assumidamente ao estilo *Galante* e ao Classicismo. Nas sinfonias mais antigas – como esta **Sinfonia em Ré menor, HW 1/3**, composta antes de 1768 de acordo com o único manuscrito preservado –, os influxos provêm sobretudo de Nápoles e Veneza, enquanto nas restantes, produzidas já na década de 1790, é identificável a influência vienense de Glück, Haydn e Mozart.

Carl-Philipp Emanuel Bach é indubitavelmente o maior compositor alemão da segunda metade do século XVIII – a sua fama como compositor, virtuoso e pedagogo, superou em larga medida a de seu pai. Exerceu importantes cargos musicais em Berlim e em Hamburgo, tendo deixado uma vastíssima obra em que se destaca, sobretudo, a imensa produção para tecla. A forma das suas sinfonias tem origem idêntica às do seu irmão, mas o estilo é altamente

individual (como, aliás, o de toda a sua obra). São detetáveis, ainda assim, influências de alguns dos seus contemporâneos, como os irmãos Graun. Por sua vez, algumas das sinfonias de Emanuel Bach tornar-se-iam nas suas obras mais influentes: permanecendo no repertório de várias sociedades de concertos do Norte da Alemanha até inícios do século XX, tiveram um papel determinante em Haydn e nas primeiras sinfonias do jovem Mendelssohn. A **Sinfonia em Dó maior, Wq 182/3** faz parte de um conjunto de seis compostas para o barão Gottfried Van Swieten, célebre diplomata austríaco de origem holandesa e melómano, recordado hoje como um dos mais importantes patronos de Haydn, Mozart e Beethoven. Emanuel Bach escreveu a um dos seus alunos: «nas coisas que forem para ser publicadas, e por isso se destinam a toda a gente, sê menos artístico e dá-lhes mais açúcar [...] nas coisas que não são para imprimir, dá à tua inspiração toda a liberdade». Van Swieten, um grande admirador do estilo mais complexo e quase esotérico do compositor, exigiu que, nestas sinfonias, nada fosse poupado, nem aos ouvintes nem aos intérpretes. Assim, nelas se encontra todo o ímpeto, os contrastes abruptos, as emoções arrebatadas e a extrema sensibilidade característicos do estilo *Sturm und Drang* (*Tempestade e Ímpeto*), movimento artístico germânico de carácter protorromântico.

O **Concerto para dois violinos em Ré menor, BWV 1043** data do período de Köthen (1717-1723), mas as cópias mais antigas em que sobrevive são bastante mais tardias. Bach revisitou este concerto na década de trinta em Leipzig, transcrevendo-o para dois cravos (BWV 1062), quando tinha à sua responsabilidade o Collegium Musicum da cidade, orquestra fundada por Telemann em 1702 e constituída por músicos profissionais e estudantes. O uso de dois violinos a solo recorda vagamente o género do *Concerto Grosso* desenvolvido em Roma na segunda metade do século XVII, mas os modelos desta obra encontram-se na escola veneziana – nos quatro concertos para dois violinos incluídos por Vivaldi na sua imensamente popular e influente coleção *L'Estro Armonico*, Op.3, publicada em Amesterdão em 1711. Bach conhecia muito bem esta coletânea, tendo transcrito algumas das peças. A obra distingue-se pela complexidade contrapontística e pela genialidade dos diálogos entre os dois solistas, bem como entre estes e o acompanhamento orquestral. O primeiro andamento sobressai pelo vigor e arrebatamento; o segundo distingue-se pela melodia elegíaca, de uma beleza inolvidável; e o último ressalta pela geral energia esfuziante, pelo brilhantismo requerido aos solistas e pela criatividade com que o compositor faz intervir a orquestra para pontuar o denso discurso.

Telemann foi indubitavelmente o compositor mais bem-sucedido da sua geração, com uma fama que extravasou a Alemanha para se estender a toda a Europa. A sua relação com Sebastien Bach foi mais do que profissional, já que, em 1711, Telemann aceitou ser padrinho do seu segundo filho, Carl Philipp. Telemann deixou uma obra imensa e eclética, evidenciando o seu domínio sobre todos os estilos e formas praticadas na Europa do seu tempo, ainda que tenha manifestado uma maior predileção pelo estilo francês. Criou duas obras baseadas no livro de Cervantes: a serenata *Don Quichotte auf der Hochzeit des Camacho*, concluída em 1761, quando tinha já 80 anos. Esta suite orquestral deve datar da década de 20 do século XVIII – quando uma «moda Cervantes» se estendeu pela Europa, suscitando obras sobre «o cavaleiro da triste figura» a compositores como Boismortier e Courbois, entre outros. A sua suite, programática e humorística, intitulada originalmente ***Burlesque de Don Quichotte***, é constituída por oito andamentos, que aludem a alguns dos episódios mais conhecidos da vida do anti-herói, mas aqui condensados num só dia: emoldurado pelo despertar e pelo adormecer, é antecedido por uma *Abertura* segundo o modelo das *Ouvertures* das óperas e bailados franceses. Assistimos ao ataque aos moinhos de vento tidos por gigantes, à sua paixão por Dulcineia e às desventuras de Sancho Pança; e escutamos o galope cansado do seu velho Rocinante, acompanhado pelo trotar bonacheirão do burro de Sancho, tudo descrito de forma muito pictórica e com grande picardia.

Fernando Miguel Jalôto



© Marco Borggreve

Julien Chauvin

Violino e Direção Musical

Desde cedo que Julien Chauvin se sentiu atraído pela revolução barroca e pela renovação da interpretação histórica em instrumentos de época. Fez a sua formação nos Países Baixos, no Royal Conservatory of The Hague, com Vera Beths, cofundadora do ensemble Archibudelli, ao lado de Anner Bylsma. Em 2003, foi laureado no International Early Music Competition de Bruges e, posteriormente, apresentou-se como solista, antes de fundar o Le Cercle de l'Harmonie, em 2005, que codirigiu com Jérémie Rhorer durante dez anos.

Em 2015, Julien Chauvin criou uma nova orquestra: Le Concert de la Loge. Esta recriação procura explorar obras esquecidas do repertório lírico e instrumental francês, introduzindo simultaneamente formatos de concerto inovadores que estimulam a espontaneidade e a imaginação do público.

Paralelamente, mantém a sua colaboração com o Quatuor Cambini-Paris, fundado em 2007, com o qual

interpreta e grava quartetos de Jadin, David, Gouvy, Mozart, Gounod e Haydn. Chauvin dedica-se à direção musical segundo o espírito do final do século XVIII, caracterizado por uma grande variedade de práticas de direcção; adapta a sua abordagem consoante o repertório, a dimensão do ensemble e as exigências da partitura, dirigindo a partir do violino, com arco ou com batuta.

Assume a direção musical de produções de ópera como *Era la notte*, encenada por Juliette Deschamps com Anna Caterina Antonacci; *Phèdre* de Lemoyne e *Cendrillon* de Isouard, em produções do Palazzetto Bru Zane encenadas por Marc Paquien; *Armida* de Haydn, encenada por Mariame Clément; *Chimène ou le Cid* de Sacchini, encenada por Sandrine Anglade; e *O Rapto do Serralho* de Mozart, com encenação de Christophe Rulhes. É igualmente maestro convidado de diversos ensembles, entre os quais o Kammerorchester Basel, a Gürzenich Orchestra Cologne, a Orchestre de Chambre de Paris, a Orchestre National d'Avignon-Provence, a Orchestre National de Metz, a Orchestre National de Cannes, a Orchestre de l'Opéra de Limoges, a Esterházy Hofkapelle, a Orkiestra Historyczna de Katowice, o Folger Consort em Washington, Les Violons du Roy e a Arion Baroque Orchestra, ambas em Montreal.

A discografia de Julien Chauvin inclui obras concertantes de Vivaldi, Haydn, Mozart, Beethoven e Berlioz, editadas

pelas Alpha, Naïve, Eloquentia e Ambrosie. Grava também com frequência recitais líricos com grandes solistas, óperas e obras do repertório sacro. Além da sua atividade enquanto intérprete e maestro, Julien Chauvin está profundamente envolvido na pedagogia, ministrando sessões orquestrais e masterclasses no Conservatoire National Supérieur de Musique et de Danse de Paris e de Lyon, na École Normale de Musique de Paris, na Académie de l'Opéra de Paris e com o Orchestre Français des Jeunes. Julien Chauvin é Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras.



© Liliana Coelho

Maria Reis Sá

Violino

Maria Reis Sá, nascida em dezembro de 2004, iniciou os seus estudos musicais na Academia de Música A Pauta, no Porto, aos 4 anos de idade seguindo o método «Suzuki». Iniciou a formação em viola com o Professor Luís Norberto e, em 2010, já a estudar violino com a Professora Joana Jesus, recebeu os primeiros prémios no Concurso Nacional de Fátima (2012)

e no Concurso Capela (2014). Em 2014, começou a estudar com o Professor José Paulo Jesus. Desde então, obteve vários 1.º prémios em concursos nacionais e internacionais: Elisa de Sousa Pedroso (Vila Real) em 2015; Cidade do Porto e Cidade de Vigo em 2016; Vasco Barbosa (Lisboa) – categoria pré-juvenil – em 2017; Cidade do Fundão em 2018; Vasco Barbosa – categoria juvenil – e Prémio Jovens Músicos, ambos em 2019. Destacam-se outros prémios: Elisa de Sousa Pedroso em 2015; Carlos Fontes em 2016; na Alemanha, o Bruno-Frey Pädagogischer Musikpreis Preis em 2020; na Bulgária, em 2025, o prémio especial no Cantus Firmus International Violin Competition. Estuda desde 2022 na Mozarteum com os professores Benjamin Schmid e Emmanuel Tjeknavorian. Maria Reis Sá realizou várias *masterclasses* com Boris Kushnir, Evandra Gonçalves, Gerardo Ribeiro, James Dalhgren, Joseph Swensen, Yuri Zhislin. Tocou como solista com Orquestra Sinfónica do Conservatório de Vigo; Camerata Atlântica, sob a direção de Maria Beatriz Manzanilla; e Orquestra Gulbenkian e Orquestra Clássica do Centro, dirigida por José Eduardo Gomes. Desde 2017 passou a ser membro e ainda colabora com Jovem Orquestra Portuguesa (JOP), sob a direção de Pedro Carneiro; desde 2022, é membro da Jovem Orquestra da União Europeia

(EUYO), tendo estado sob a direção de Peter Stark, Ivan Fisher, António Papano, Elim Chan, Gustavo Gimeno, Gianandrea Nosedá, Manfred Honeck e Susanna Mälkki. Foi academista em 2022-2024 e é atual colaboradora da Filarmónica de Salzburgo sob a direção de Elisabeth Fuchs. Em 2024 foi membro convidado da Orquestra do Festival de Budapeste, sob a direção de Ivan Fisher. É atual membro do programa Yehudi Menuhin's Live Music Now International e, em 2025, foi admitida para realizar o Pacific Music Festival (PMF).



Orquestra de Câmara Portuguesa

A Orquestra de Câmara Portuguesa (OCP) foi fundada em 2007 por Pedro Carneiro, Teresa Simas, Alexandre Dias e José Augusto Carneiro, estreando-se nesse ano na abertura da Temporada do Centro Cultural de Belém, a convite de António Mega Ferreira, que a par com Miguel Coelho impulsionaram e acarinharam a consolidação da OCP. Desde então, a OCP vem criando um espaço de afirmação de novos solistas e maestros nacionais, promovendo

o encontro artístico com diversos criadores, maestros e intérpretes de renome: Emmanuel Nunes e Sofia Gubaidulina, Jean-Marc Burfin e Emilio Pomarico, Miguel Azguime, Jorge Moyano, Cristina Ortiz, Sergio Tiempo, Gary Hoffman, Filipe Pinto-Ribeiro, Carlos Alves, Heinrich Schiff, António Rosado, Artur Pizarro, Tatiana Samouil, Nobuko Imai, Sergei Nakariakov, Andrei Korobeinikov, Shai Maestro, Xavier de Maistre, entre outros. A ação da OCP como Associação com estatuto de Utilidade Pública projeta-se também através de projetos de cidadania inclusiva originais como o ensemble Notas de Contacto, a Orquestra dos Navegadores ou as Semente. Refere-se ainda a OCPdois, dedicada ao encontro de músicos profissionais músicos e amadores, que já resultou em diversos projetos e digressões nacionais com bandas filarmónicas, ou a criação da Orquestra Académica da Universidade de Lisboa. Enquanto orquestra, a OCP reúne músicos profissionais independentes que preparam programas inovadores. Internacionalizou-se em 2010 no City of London Festival; em Portugal, á atuou na Casa da Música, Teatro Camões, Teatro Nacional de São Carlos, Teatro São Luiz e Culturgest. Realçam-se ainda as diversas colaborações com a Companhia Nacional de Bailado e as atuações em festivais: Cistermúsica,

Festival Internacional da Póvoa de Varzim, Festival das Artes (Coimbra), Festival ao Largo, Festival de Leiria, Festival de Sintra, Operafest Lisboa, entre outros. Além das cidades referidas, a descentralização das atividades da OCP passou ainda pelas cidades de Almada, Batalha, Castelo Branco, Lagoa, Leiria, Marinha Grande, Óbidos, Oeiras, Paços de Brandão, Portimão, Ourém, Seia, Seixal, Setúbal, Tomar, Vila Viçosa e Viseu. Logo em 2010, lançou a Jovem Orquestra Portuguesa (JOP), com o apoio da Linklaters Portugal, composta por jovens músicos selecionados em audições anuais, de todo o território Continental e Ilhas. A JOP é a representante de Portugal na Federação Europeia de Jovens Orquestras Nacionais, que se destaca pelas internacionalizações sucessivas no Ateneu de Bucareste e na Konzerthaus de Berlim (Festival Young Euro Classic) e pela participação no MusXchange, programa de intercâmbio de jovens músicos europeus.

A OCP tem o apoio da Direção-Geral das Artes desde 2012, destacando-se como parceiros institucionais os municípios de Lisboa e Oeiras. No setor privado, a auditora PwC tem a parceria mais antiga da OCP e a consultora Everis Portugal elaborou um plano estratégico e gestão de *benchmarking pro bono*, com a mentoria de António Brandão

Vasconcelos (1959–2022). Destaca-se ainda da família de parceiros OCP entidades fundamentais e de especial prestígio: Antena 2, British Council, Conservatório de Coimbra, Conservatório de Palmela, dominios.pt, ESMAE, Euroyouth, Fundação Ageas, Fundação la Caixa BPI, Fundação Dudamel, Fundação GDA, Governo dos Açores (DRAC) e Governo da Madeira (DRC e DRJ), Gestix, Instituto Padre António Vieira e Team Lewis.



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!



ccb.pt/newsletter

Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao



CCB

12 DEZ 25

CICLO NOTAS DE MÚSICA

**JOHANN SEBASTIAN BACH
– DA TRADIÇÃO À HERANÇA
EUGÉNIO AMORIM**

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Esta conferência realiza-se no âmbito do concerto *A Dinastia Bach*, da Orquestra de Câmara Portuguesa e de Julien Chauvin, no dia 12 de dezembro, às 20h00.

Johann Sebastian Bach (1685–1750) é uma figura central na história da música ocidental. A sua obra não apenas sintetiza séculos de tradição musical, como também projeta uma influência duradoura que atravessa estilos, épocas e fronteiras culturais.

As raízes estilísticas e culturais de Bach remontam provavelmente a uma linhagem familiar profundamente musical, cuja importância na sua formação é inegável. Desde Veit Bach, considerado o patriarca musical da família, os Bach cultivaram um legado artístico notável por gerações. Após a morte dos seus pais, quando tinha cerca de 10 anos, Johann Sebastian foi acolhido pelo seu irmão mais velho, Johann Christoph Bach, organista em Ohrdruf. Foi sob a sua orientação que o jovem Bach recebeu uma formação musical mais aprofundada, especialmente em órgão, cravo e composição, num ambiente que combinava rigor técnico e imersão espiritual.

A origem de Bach numa família de músicos, enraizada na tradição luterana da Alemanha central, moldou profundamente a sua linguagem musical. Ao longo da sua trajetória, assimilou influências diversas: da expressividade e clareza harmónica italiana, com os seus contrastes e formas claras, à rica polifonia do norte da Alemanha, passando pela elegância da música francesa. Essa síntese manifesta-se na sua obra com notável profundidade espiritual e simbolismo, evidentes sobretudo nas suas obras sacras, mas não só, onde a música transcende a técnica para se tornar veículo de fé e reflexão.

O legado de Bach estendeu-se também através dos seus filhos — Wilhelm Friedemann, Carl Philipp Emanuel, Johann Christoph Friedrich e Johann Christian — todos músicos e compositores brilhantes. As suas obras marcam a transição entre o barroco e o classicismo, refletindo a influência paterna ao mesmo tempo em que abrem novas direções estéticas. Além disso, foram fundamentais na preservação e difusão da música do seu pai, cuja receção moderna se começou-se a consolidar no século XIX.

Um momento decisivo dessa redescoberta ocorreu em 1829, quando Felix Mendelssohn dirigiu uma histórica interpretação da *Paixão segundo São Mateus*. Este evento marcou o renascimento do interesse por Bach e a sua consagração definitiva no imaginário musical europeu.

Hoje, a música de Bach permanece viva e essencial. É fundamento na formação de músicos, objeto de incontáveis gravações e referência constante em estudos teóricos. As suas obras atravessam meios e formatos — do cinema à literatura, da interpretação historicamente informada à fusão com linguagens contemporâneas. Mais do que um compositor do passado, Bach é uma presença viva, fonte de inspiração filosófica, espiritual e artística para públicos dos mais diversos contextos. Johann Sebastian Bach (1685–1750) é uma figura central na história da música ocidental. A sua obra não apenas sintetiza séculos de tradição musical, como também projeta uma influência duradoura que atravessa estilos, épocas e fronteiras culturais.

As raízes estilísticas e culturais de Bach remontam provavelmente a uma linhagem familiar profundamente musical, cuja importância na sua formação é inegável. Desde Veit Bach, considerado o patriarca musical da família, os Bach cultivaram um legado artístico notável por gerações. Após a morte dos seus pais, quando tinha cerca de 10 anos, Johann Sebastian foi acolhido pelo seu irmão mais velho, Johann Christoph Bach, organista em Ohrdruf. Foi sob a sua orientação que o jovem Bach recebeu uma formação musical mais aprofundada, especialmente em órgão, cravo e composição, num ambiente que combinava rigor técnico e imersão espiritual.

A origem de Bach numa família de músicos, enraizada na tradição luterana da Alemanha central, moldou profundamente a sua linguagem musical. Ao longo da sua trajetória, assimilou influências diversas: da expressividade e clareza harmónica italiana, com os seus contrastes e formas claras, à rica polifonia do norte da Alemanha, passando pela elegância da música francesa.

Essa síntese manifesta-se na sua obra com notável profundidade espiritual e simbolismo, evidentes sobretudo nas suas obras sacras, mas não só, onde a música transcende a técnica para se tornar veículo de fé e reflexão.

O legado de Bach estendeu-se também através dos seus filhos — Wilhelm Friedemann, Carl Philipp Emanuel, Johann Christoph Friedrich e Johann Christian — todos músicos e compositores brilhantes. As suas obras marcam a transição entre o barroco e o classicismo, refletindo a influência paterna ao mesmo tempo em que abrem novas direções estéticas. Além disso, foram fundamentais na preservação e difusão da música do seu pai, cuja receção moderna se começou a consolidar no século XIX.

Um momento decisivo dessa redescoberta ocorreu em 1829, quando Felix Mendelssohn dirigiu uma histórica interpretação da *Paixão segundo São Mateus*. Este evento marcou o renascimento do interesse por Bach e a sua consagração definitiva no imaginário musical europeu.

Hoje, a música de Bach permanece viva e essencial. É fundamento na formação de músicos, objeto de incontáveis gravações e referência constante em estudos teóricos. As suas obras atravessam meios e formatos — do cinema à literatura, da interpretação historicamente informada à fusão com linguagens contemporâneas. Mais do que um compositor do passado, Bach é uma presença viva, fonte de inspiração filosófica, espiritual e artística para públicos dos mais diversos contextos.

Eugénio Amorim

Iniciou os estudos musicais com o pai, prosseguindo na Academia de Música de Santa Maria da Feira e no Conservatório de Música do Porto, onde concluiu os Cursos Superiores de Piano e Composição. Estudou ainda na Escola Superior de Música de Würzburg (Alemanha), onde obteve o Bacharelato em Direção de Orquestra e a Licenciatura em Música Sacra.

Foi maestro do Coro da Sé Catedral do Porto (1994–2010), com cerca de 300 concertos realizados em Portugal, Inglaterra e Alemanha, e duas gravações discográficas.

Destaca-se também como compositor, com obras como *Cantiones Harmonicae*, *Via Lucis*, *Turris Eburnea*, *Benedictus*, *Salve Regina* (2024) e dois *Magnificat*. Ativo como organista e improvisador, tem atuado em concertos dedicados integralmente à improvisação. Doutorada pela Universidade Católica Portuguesa, é investigador do CESEM (FCSH – Universidade Nova de Lisboa). Lecionou na Escola das Artes da Universidade Católica, até 2003, e é, atualmente, docente e Presidente do Conselho Técnico-Científico da ESMAE – Instituto Politécnico do Porto.

JÁ A SEGUIR

30 JAN

CICLO SEXTA MAIOR – RECITAL DE PIANO

VARIAÇÕES GOLDBERG DE BACH

PEDRO BURMESTER

sexta-feira, 20h, Pequeno Auditório, +6

30 JAN

CICLO DE CONFERÊNCIAS – NOTAS DE MÚSICA

VARIAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO

PAULO FERREIRA DE CASTRO

sexta-feira, 18h30, Sala Lopes-Graça, +6